
Caso Donizetti Adalto: um estudo sobre a memória jornalística⁵⁴

Donizetti Adalto's Case: a study about his journalistic memory

Cíntia da Silva França⁵⁵
Maria Nilza de Carvalho Pinto Américo⁵⁶
Jaqueline da Silva Torres Cardoso⁵⁷

RESUMO

Este artigo visa analisar como os jornais *Meio Norte* e *O Dia* produziram sentido acerca do caso Donizetti Adalto. Buscou-se na Análise de Conteúdo, identificar como os jornais construíram as imagens de Donizetti Adalto e Djalma Filho através da memória jornalística. Teoricamente, recorreu-se ao conceito de jornalismo como construtor da realidade. Constatou-se que os jornais não tiveram a mesma posição em relação à construção da memória deste fato.

PALAVRAS-CHAVE: Construção Social; Memória; Fontes; Donizetti Adalto.

ABSTRACT

This article aims to analyze how the newspapers *Meio Norte* and *O Dia* tried to justify Donizetti Adalto's case. A Content Analysis was sought to identify how such newspapers had constructed the images of Donizetti Adalto and Djalma Filho through a journalistic memory. Theoretically, the concept of journalism was used as a constructor of reality. It was found that both newspapers did not have the same position related to the construction of the memory of this fact.

KEYWORDS: Social Construction; Memory; Sources; Donizetti Adalto.

INTRODUÇÃO

O jornalismo tem como principal finalidade a informação. Ele é caracterizado como um construtor social da realidade, uma vez que fornece subsídios à sociedade em forma de

⁵⁴ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

⁵⁵ Recém-graduada em Jornalismo e Relações Públicas pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), e-mail: cintia_franca20@outlook.com

⁵⁶ Recém-graduada em Jornalismo e Relações Públicas pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), e-mail: mariaactrice@hotmail.com

⁵⁷ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), e-mail: torres.jaqueline@yahoo.com.br

notícias, fazendo com que os fatos se tornem surpreendentes e conhecidos nacional e mundialmente. Para construir uma notícia, é preciso uma das essências fundamentais: a fonte. Em princípio, acontecimento só vira notícia quando existe uma fonte para fornecer os dados necessários sobre o determinado assunto para que as informações produzidas pelos mass media tenham qualidade (Wolf, 1999). As fontes possuem grande relevância por seu papel na construção de notícias no jornalismo.

O jornalismo, por conter inúmeras notícias sobre todos os principais fatos, cumpre não só o papel de construtor social da realidade, mas também detém a função de guardião da memória. Ele faz parte da história por arquivar o que se tornou público em um determinado tempo e depois, por algum motivo, tornou-se silenciado e esquecido. Nessa perspectiva, a mídia é também uma ferramenta que promove a memória através da rememoração dos casos ocorridos na sociedade, pois sempre surge um fato novo em relação ao episódio. A sequência de noticiamento de um fato, a suíte, na linguagem jornalística é uma forma de rememoração “realizada pela mídia sobre os episódios de maior relevância” durante um determinado espaço de tempo com a finalidade de que o público reviva em sua memória, pois poderia ser “facilmente esquecido ou silenciado pela sociedade” (LOPES, 2007, p. 03).

Um desses fatos ocorridos que se tornou relevante na sociedade teresinense aconteceu em 19 de setembro de 1998, na capital do Piauí, ocasionando uma enorme repercussão na comunidade, tanto da capital quanto em algumas regiões do interior piauiense, através da mídia local. O episódio trata-se do assassinato do jornalista Donizetti Adalto dos Santos, que fazia parte do grupo *Meio Norte*, comandando o programa popular “MN 40 Graus”. Na época, o jornalista concorria às eleições de 1998, sendo candidato a Deputado Federal. Sua morte ocorreu a quinze dias das eleições. De acordo com a polícia, o mandante do crime foi o amigo de Donizetti e companheiro de chapa, Djalma Filho, que via nas pesquisas fortes indícios de não ser eleito, por conta disso, planejou a morte de Donizetti Adalto para que, com a comoção popular, alcançasse o objetivo de ser eleito através do apelo emocional do povo.

Com base nas informações explanadas sobre a importância dos veículos midiáticos, este artigo visa analisar, através da narração jornalística, a construção do caso Donizetti Adalto no mês que ocorreu o seu assassinato, comparando os jornais e respondendo ainda as seguintes questões norteadoras: como os jornais construíram a imagem de Djalma Filho

e Donizetti Adalto? E como o caso foi construído durante esse período tendo em vista que a mídia é um mediador da memória social?

A pesquisa aqui proposta tem, na análise de conteúdo (BARDIN, 1979), as ferramentas metodológicas necessárias à investigação de como os Jornais *Meio Norte* e *O Dia* construíram sentido através da construção da imagem de Djalma Filho e Donizetti Adalto, acerca do caso ocorrido no dia 19 de setembro de 1998. A pesquisa analisará os jornais impressos: *Meio Norte* e *O Dia* entre os dias 20 a 30 de setembro de 1998, período este que compreende nos 10 dias após o assassinato do jornalista Donizetti Adalto.

1. O JORNALISMO NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DO REAL

Os meios de comunicação executam a finalidade de promover informações através das notícias publicadas em jornais impresso, na TV, no rádio ou na internet. Todos os acontecimentos, que chegam à redação, ou ao conhecimento do jornalista, são analisados a partir dos critérios de noticiabilidade ou valores notícias, para identificar se podem ou não vir a serem publicados e entendidos por cada público (TRAQUINA, 2005).

A mídia por sua vez cumpre o papel de trazer esses fatos selecionados jornalisticamente ao público por meio das teorias do agendamento, do enquadramento e da seleção. “A teoria do agendamento defende a ideia de que os consumidores de notícia tendem a considerar mais importantes os assuntos que são veiculados na imprensa, sugerindo que os meios de comunicação agendam nossas conversas” (PENA, 2005, p. 142). Já a teoria do enquadramento visa principalmente a forma como a mídia seleciona e transmite as informações, se as notícias são veiculadas imparcialmente e de maneira objetiva. E a teoria da seleção age escolhendo as notícias como uma espécie de filtro que determina o que será importante para o jornal ou não, dessa forma o jornalismo vai construindo claramente a realidade.

As notícias, por sua vez, passam a ser umas das principais fontes de construção do real, visto que o leitor a recebe, após serem selecionadas, ordenadas e devidamente nomeadas. O jornalismo veicula ao público as notícias levando em consideração a atualidade, a sociedade e imprevisibilidade, como afirma Charaudeau (2007, p. 101): “sendo a finalidade

da informação midiática a de relatar o que ocorre no espaço público, o acontecimento será selecionado e construído em função de seu potencial de atualidade, de sociedade e de imprevisibilidade”.

Por meio do discurso jornalístico, a imprensa faz-se presente na construção social da realidade, pois os jornalistas estão presentes, buscando os acontecimentos nas ruas, nos órgãos públicos e privados, não apenas dentro das redações aguardando as notícias. Eles selecionam e tornam os fatos em notícia de acordo com os princípios que regem os valores notícia em cada organização (TRAQUINA, 2005).

2. AS FONTES (COMO) PRODUTORAS DE NOTÍCIAS

“Fonte” na mitologia romana é o deus das nascentes, filho do deus Jano e da ninfa das águas e mananciais Juturna. Na etimologia da palavra em latim, “fonte significa nascente de água” que se refere àquilo que origina ou produz alguma coisa, sendo empregada de várias formas na linguagem como: fonte de energia, fonte de luminosa, fonte térmica e fonte de notícia a qual se usa no jornalismo.

O jornalismo utiliza-se da fonte de notícias, ou seja, das pessoas que fornecem pautas e/ou informações para produção dos jornais, que são entrevistadas em programas jornalísticos, e ainda podem ser de acordo com Schmitz (2011, p. 09):

organizações, grupos sociais ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proativa, ativa, passiva ou reativa; sendo confiáveis, fidedignas ou duvidosas; de quem os jornalistas obtêm informações de modo explícito ou confidencial para transmitir ao público, por meio de uma mídia.

Diversos autores classificam os tipos de fontes, porém, neste trabalho será utilizada, para fim de análise, a matriz de classificação de fontes feitas por Schmitz (2011), que separa por categoria, grupo, ação, crédito e qualificação. Categorias - primária e secundária. Grupo - oficial, popular, notável, testemunhal, especializada. Ação – proativa, ativa, passiva e reativa.

Quanto ao crédito - identificada ou anônima. E a qualificação - confiável, fidedigna e duvidosa.

Estudos sobre fontes, datados a partir da década de 1970, apontam classificação e relevância das fontes no processo produtivo. Sigal (1973 *apud* RIBEIRO; 2010) diz que o poder está do lado das fontes, enquanto Mencher (1991, *apud* RIBEIRO; 2010) vai mais fundo quando afirma que fontes se constituem como “sangue” do jornalista, pois dotam o trabalho jornalístico de mais credibilidade. O autor ainda acrescenta que o jornalista encontra nas fontes a segurança para transmitir uma informação polêmica, a seu turno, Chaparro (2001) as tem como influenciadoras das decisões jornalísticas.

Sob a perspectiva de Gans (1979, *apud* Wolf, 1995), o jornalista não vê as fontes de forma igual, pois há uma preferência em geral pelas fontes oficiais, para que as informações tenham mais credibilidade. Segundo ele, um dos fatores relevantes é o poder da fonte, ou seja, as fontes oficiais são as mais buscadas pelo jornalista.

3. MÍDIA E MEMÓRIA

O que se tem internalizado, de acordo com o senso comum e empírico, é que a memória é a capacidade de evocar o passado, através de fatos vividos direta ou indiretamente. As lembranças do tempo de infância, as histórias vividas ou que se escutava e que em parte ou quase ao todo podem ser revividas ao longo da vida. Entretanto estas reminiscências recebem influências do meio social. A memória individual está intrinsecamente ligada à memória coletiva. E, para melhor compreensão da memória individual e coletiva, faz-se necessário recorrer a algumas colocações de Halbwachs.

À luz do pensamento de Halbwachs, a memória é sempre construída em grupo, mas também com a participação do sujeito. Quando ele trata da memória coletiva, considera o caráter psicológico, ou seja, a faculdade de armazenamento. Uma pessoa tem de atuar ou presenciar um fato, para que possa guardá-lo e relatá-lo. Na concepção halbwachiana a memória tem uma natureza coletiva, visto que as lembranças não são individualizadas, elas se apoiam no testemunho do outro, o qual reforça, “complementa e torna mais exato o trabalho da memória” (SCHMIDT e MAHFOUND, 1993, p. 290). Este autor ressalta o

confronto de testemunho que se dá em dois níveis. O primeiro seria o confronto que o indivíduo tem consigo mesmo, com seu ponto de vista atual com experiências vividas no passado ou ainda com “as opiniões formadas anteriormente com apoio no depoimento de outros” (SCHMIDT e MAHFOUND, 1993, p. 290).

Ainda, segundo Halbwachs, a memória ultrapassa o plano individual, ou seja, as lembranças do indivíduo não são apenas suas, elas nunca existem apartadas da sociedade. Os grupos sociais interferem na construção da memória e “determinam o que é memorável e onde esta memória vai ser preservada”. Entretanto para que o indivíduo recorde de uma lembrança de um grupo necessariamente tem que haver identificação com ela, pois conforme o mesmo autor, não basta somente o testemunho do grupo, mas também que a memória do sujeito “se aproveite da memória dos outros”. E, principalmente que haja concordância, isto é “que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum.” (HALBWACHS, 2006 *apud* LEAL, 2012, p. 1).

Neste sentido a construção da memória individual sofre influências dos grupos sociais do qual participa, seja familiar, religioso ou político. Isso nos traz a percepção que o sujeito participa de dois tipos de memória, a individual e a coletiva, isto é, parte de sua individualidade com suas lembranças pessoais para completar com as lembranças comuns ao grupo do qual ele faz parte.

Assim como a memória individual está atrelada à coletiva sob a ótica de Pollak (1992), quando fala dos elementos constitutivos da memória, entende-se também que existem os acontecimentos vividos pessoalmente e os vividos por tabela, ou seja, apesar do sujeito não ter participado de um determinado fato, mas sim pelo grupo ou coletividade ao qual ele se sente pertencer. Alguns fatos de grande relevância, no qual a personagem não estava inserida, mas devido repercussão que houve, pode até gerar certa confusão porque no “imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não” (POLLAK, 1992, p. 201).

O autor afirma que os acontecimentos vividos por tabela se juntam a “todos os eventos que estão fora do espaço-tempo da pessoa ou grupo”. O que ele denomina de um fenômeno de memória herdada que chega à pessoa ou grupo por meio de “socialização política ou

socialização histórica” (POLLAK, 1992, p. 201). Compreende-se que, a partir de suas assertivas, uma pessoa ou grupo poderia remeter-se a acontecimentos que se deu em um espaço e tempo o qual ela não vivenciou, mas pela grande proporção que se tomou, e talvez pela repercussão nas pessoas, nos relatos históricos, ou na mídia, ela poderia sentir-se participante e guardá-lo como vivido pessoalmente.

Para entender como as lembranças seriam rememoradas no decorrer do espaço-tempo, nas diferentes circunstâncias, Schmidt e Mahfound (1993) afirmam que há a necessidade de manter o elo com o grupo para que a memória seja preservada. Seguindo o seu pensamento, acredita-se que a não permanência do grupo faria com que as lembranças fossem dissipadas. Portanto, há que manter os “quadros sociais” que ajudariam a manter estes fatos vivos. A continuidade desses quadros reforçaria a memória coletiva e colaboraria no fortalecimento ou enfraquecimento do fato, como uma espécie de seleção do que deveria esquecer e do que manteria.

De acordo com Leal (2012, p. 6), geralmente se destaca “aquilo que foi vivido por um maior número de pessoas e que resulta de experiências coletivas” e o que foi vivido por menor número fica relegado ao segundo plano. E somente em circunstâncias específicas é que seriam lembrados, como os casos em que há grande reverberação.

4. ANÁLISE PARCIAL DO CASO DONIZETTI ADALTO NOS JORNAIS *MEIO NORTE E O DIA*

A pesquisa aqui proposta tem, na análise de conteúdo (BARDIN, 1979), as ferramentas metodológicas necessárias à investigação de como os Jornais *Meio Norte* e *O Dia* produziram sentido através da construção da imagem de Djalma Filho e Donizetti Adalto acerca do caso do assassinato do jornalista, ocorrido no dia 19 de setembro de 1998.

O recorte de tempo para esta análise foi de 10 dias, compreendidos de 20 a 30 de setembro de 1998. Na pré-análise e durante a “leitura flutuante” (BARDIN, 1979), encontramos uma amostra de 139 matérias sendo 94 matérias publicadas pelo jornal *Meio Norte* e 45 publicadas no jornal *O Dia*.

Para atender o objetivo proposto, buscamos mapear as vozes e identificar os sentidos produzidos por meio das imagens dos personagens do caso. Para isto, buscamos a categorização dos dados que permitam identificar o posicionamento dos jornais na construção da memória individual e coletiva quando retrataram em suas páginas os personagens Donizetti Adalto e Djalma Filho.

O jornal *Meio Norte* pertence ao Grupo *Meio Norte* de Comunicação, que é um conglomerado de mídia sediado em Teresina, foi formado no início da década de 1990, com emissoras de rádio e televisão, da qual o jornalista Donizetti era contratado. O grupo tem uma linha editorial mais popular, com variados programas, entretenimento, inclusive o jornal apresentado por Donizetti, constituía uma linha popular, em que o público participava de diversas formas, até mesmo com pedidos de ajuda.

A partir da observação feita no Jornal *Meio Norte*, a quantidade de matéria variou entre 8 a 10 publicações diárias, algumas delas com introdução de novos fatos, outras apenas fazendo uma rememoração do acontecimento (LOPES, 2007). Sendo que das 94 matérias, 12 não foram possíveis de serem analisadas, uma vez que a categorização desse material ocorreu no Arquivo Público de Teresina, onde não é permitido fazer cópias, apenas fotografias. E as imagens que foram captadas dessas matérias não obtiveram boa qualidade e comprometeu a leitura das mesmas.

Em relação à quantidade de fontes ouvidas nas matérias durante os 10 dias, verificou-se que, das 94 matérias publicadas, o impresso *Meio Norte* recorreu nesse período a 271 fontes.

Destacamos mais citadas, que somam 257 (equivalente a 94,83%), e foram elas: Acusados do crime (102 vezes); Djalma Filho, apontado como mandante do crime (71 vezes); Polícia Civil (25 vezes); Polícia Federal (24 vezes); Carlos Moraes, amigo de Donizetti (9 vezes); governador Mão Santa, populares e Promotor da Vara Criminal (7 vezes cada um) e Promotor de Justiça (5 vezes), ou seja, prevalece presença das fontes oficiais, quando o veículo dá voz, configurando assim, a valorização do status de poder (Wolf, 1995).

Os 5,16% restantes (totalizando 14 fontes) foram as seguintes: Polícia Militar e Parentes de Donizetti (3 vezes cada um); Políticos e Presidente da Câmara Municipal

de Teresina, (2 vezes cada um); Advogado de defesa, repórter do Paraná, casal de namorados (Aurilene e Marcos) e Tatiana Brasil (1 vez cada um). Pode-se constatar que o Jornal *Meio Norte* publicou sua primeira matéria sobre a morte do jornalista no dia 21/09 onde recorreu às polícias Civil e Federal, ao Promotor da Vara Criminal e ao Promotor de Justiça como fontes oficiais para dar credibilidade ao noticiar em primeira mão o vereador Djalma Filho como um dos suspeitos do assassinato. A apresentação dessa notícia foi como manchete, em que trouxe a foto do Ginásio Verdão, onde aconteceu o velório e, como destaque o suspeito, Djalma Filho, ao lado do caixão de Donizetti.

O jornal, pela sua linha editorial e pelo fato de a vítima ter feito parte do quadro de colaboradores, se antecipou a apresentar ao público a informação do suspeito. Ficou constatado, através das matérias, que os dois jornais utilizaram-se de fontes oficiais para divulgar a informação de que o companheiro de chapa de Donizetti, o então candidato a Deputado Federal Djalma Filho, era o principal suspeito do assassinato.

Na análise das publicações do jornal *O Dia*, foram contabilizadas 45 matérias, com variação de 1 a 4 matérias publicadas por dia. Em relação à utilização de fontes, e de acordo com a classificação de Schmitz (2011), podemos verificar que o Jornal *O Dia* se utilizou de fontes primárias e secundárias, oficiais, especializadas, popular, notáveis e testemunhais de ação proativa, passiva, identificadas, confiáveis e fidedignas.

Observamos que as primeiras matérias publicadas sobre o caso, tanto no jornal *Meio Norte* quanto no jornal *O Dia*, foram veiculadas no dia 21/09/1998, sendo que o jornal *Meio Norte* publicou 15 matérias sobre o caso, naquela data. Dentre essas, analisamos três: a primeira trazia a manchete com título: “Assassinato de Donizetti”, com uma foto do velório e outra foto destacando o suspeito do assassinato Djalma Filho ao lado do caixão de Donizetti. A matéria relata como ocorreu o fato de forma detalhada, recorrendo sempre às fontes oficiais, e enfatizando que Djalma Filho era o principal suspeito do assassinato. A segunda, do mesmo jornal, tem um tom mais dramático, na qual escreve: “Donizetti partiu deixando saudades”. Nessa matéria, mostram os fãs do jornalista enaltecendo-o, destacando que ele era “verdadeiro e autêntico”, afirmam ainda que sua morte foi “uma traição pior que a de Cristo” (JORNAL *MEIO NORTE*, 1998, p. 6). Nesse caso, o jornal se utiliza da fala das fontes para publicar as afirmações polêmicas (CHAPARRO, 2001). A terceira matéria publicada pelo jornal *O Dia*,

trata de uma entrevista com Djalma Filho em que ele se defende da acusação de mentor do crime.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisarmos os jornais, pudemos inferir, a partir dos conteúdos, que o jornal *Meio Norte* construiu a imagem de Donizetti Adalto como um jornalista combativo, que falava a verdade, polêmico, destemido que tinha como principal bordão: “morro e não vejo tudo”, o que segundo o jornal, acabou acontecendo. Conforme alguns artigos e notas, “Donizetti teve sua vida interrompida jovem, sem o direito de defesa e sem ter o conhecimento de queria o seu mal”. Por outro lado, a imagem de Djalma Filho é construída como o principal suspeito, o mandante, o autor e o responsável pelo assassinato do companheiro. Pode-se perceber que o periódico intenciona mostrar o suspeito como uma pessoa fria, através das fotos ao lado do caixão, quando o reproduz suas falas negando as acusações, e quando reforça, sob a afirmação conclusiva da Polícia Civil, a responsabilidade pelo crime.

Percebemos, ainda, que o jornal *Meio Norte* construiu a memória de Donizetti Adalto, ao longo desses 10 dias, como vítima de uma traição e barbaramente assassinado. Buscando, a sua maneira, trazer para a sociedade a “verdade”, quem foram os culpados do crime e a luta contra a impunidade destes. O respectivo jornal em seus artigos, segue a linha popular com tons mais apelativos e textos opinativos com adjetivações. Nessa análise, foram utilizados termos retirados dos textos jornalísticos para apresentar a construção da imagem dos dois personagens.

Quanto à construção da imagem pelo Jornal *O Dia*, através dos textos e fotografias, ficou a interpretação de que a memória de Djalma Filho foi marcada como um suspeito ou talvez um acusado injustamente. Vale ressaltar que esse grupo não segue editorial popular, tem um público mais de classe A e B, e com pouca abordagem de noticiário policial. De acordo com sua linha, percebeu-se a construção de Djalma Filho como um homem cheio de amigos, de família tradicional e influente. Ao contrário do *Meio Norte*, o impresso *O Dia*, eximiu-se de culpá-lo, antes deu oportunidade de que ele falasse em sua defesa, como é

premissa do jornalismo, dar voz aos dois lados. Quanto à construção da imagem de Donizetti Adalto, foi mais imparcial, mostrando-o como o jornalista polêmico, investigativo e admirado por muitos.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Linguagem dos Conflitos**. Minerva: Coimbra, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

LEAL, Luana Aparecida Matos. Memória, Rememoração e Lembranças em Maurice Halbwachs.

Linguagem, São Paulo, v. 18, p. 1-8, 2012.

LOPES, Fernanda Lima. **Identidade jornalística e memória**. Mídia e Memória: Mauad X, 2007.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RIBEIRO, Vasco. Fontes sofisticadas de informação – análise do produto jornalístico político da imprensa nacional diária de 1995 a 2005. **Media & Jornalismo**, n. 17, v. 9, p. 231–246, 2010.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4, n. 1/2, p. 285-298, 1993.

PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. Contexto. São Paulo, 2005.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. Florianópolis: Combook, 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, Volume I: Porque as notícias são como são. 2.ed. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 5 Ed. Lisboa: Editoria Presença. 1994.